

DOSSIÊ: PERSPECTIVAS QUEER NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

POR UMA LINGUÍSTICA CU(-IR)

(In favor of a Cu(-ir) Linguistics)

Elizabeth Sara Lewis ¹

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO)

Recebido em: novembro de 2020

Aceito em: dezembro de 2020

DOI: 10.26512/les.v21i2.35174

¹ Elizabeth Sara Lewis (elizabeth.lewis@unirio.br) é professora adjunta de Linguística e Língua Portuguesa no Departamento de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É graduada em Letras-Espanhol pela Davidson College, EUA; mestra em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, França; mestra em Estudos de Gênero pela Università Roma Tre, Roma, Itália; e mestra e doutora em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, Brasil.

RESUMO

Nosso objetivo é de fazer uma primeira tentativa de esboçar uma Linguística Cu(-ir), a partir de algumas críticas aos Estudos Queer e observações sobre a Linguística Queer. A tentativa não se limita a uma proposta teórica; será colocada em prática através de dois estudos de caso envolvendo discursos sobre preconceitos relacionados ao uso do dildo: um sobre uma mulher bissexual e outro sobre homens heterossexuais que gostam de ser penetrados por suas parceiras. Ao analisar esses casos, olhando para subversões e reforços de discursos heteronormativos, nossa Linguística Cu(-ir) tentará preencher algumas lacunas, incluindo a falta de pesquisas sobre desejos e práticas sexuais específicas, procurando desestabilizar definições da sexualidade baseadas no gênero dx(s) parceirx(s).

Palavras-chave: *Linguística Cu(-ir). Heteronormatividade. Subversão e reforço. Bissexualidade. Pegging.*

ABSTRACT

Our objective is to make a first attempt at outlining a Cu(-ir) Linguistics, based on criticisms of Queer Studies and observations about Queer Linguistics. This attempt isn't limited to a theoretical proposition; it shall be put into practice by way of two case studies involving discourses about discrimination related to the use of dildos: one about a bisexual woman and another about heterosexual men who enjoy being penetrated by their female partners. Through the analysis of these cases, focusing on subversions and reinforcements of heteronormative discourses, our Cu(-ir) Linguistics will attempt to fill gaps in research regarding specific desires and sexual practices, seeking to destabilize definitions of sexuality based on the gender of one's partner(s).

Keywords: *Cu(-ir) Linguistics. Heteronormativity. Subversion and reinforcement. Bissexuality. Pegging.*

RESUMEN

Nuestro objetivo es hacer una primera tentativa de delinear una Lingüística Cu(-ir), a partir de unas críticas a los Estudios Queer y observaciones sobre la Lingüística Queer. La tentativa no se limita a una propuesta teórica; será colocada en práctica a través de dos estudios de caso envolviendo discursos sobre prejuicios relacionados con el uso del dildo: uno sobre una mujer bissexual y otro sobre hombres heterossexuales a quién les gusta ser penetrados por sus compañeras. Al analizar estos casos, concentrándonos en subversiones y refuerzos de discursos heteronormativos, nuestra Lingüística Cu(-ir) intentará colmar unas lagunas, incluyendo la falta de investigaciones sobre deseos y prácticas sexuales específicas, buscando desestabilizar definiciones de la sexualidad basadas en el género de lx(s) pareja(s).

Palabras clave: *Lingüística Cu(-ir). Heteronormatividad. Subversión y refuerzo. Bissexualidad. Pegging.*

INTRODUÇÃO

Um homem heterossexual é penetrado por sua esposa usando um dildo e cinto e teme que outras pessoas descubram sua predileção por esta prática e o achem gay ou menos masculino. Uma mulher bissexual propõe que sua namorada lésbica use um dildo para penetrá-la e é acusada de, no fundo, estar com vontade de ficar com um homem. O que esses casos têm em comum, além da penetração com o dildo em si? O fato deste tipo de penetração provocar mudanças grandes em como os sujeitos são percebidos por outros ou em como se percebem, por causa de discursos hegemônicos em dois dispositivos de gênero e sexualidade inter-relacionados – a matriz heteronormativa (BUTLER, [1990] 2012) e o dispositivo de ordens de penetração ou de “usos do cu” (SÁEZ;

CARRASCOSA, 2011). Esses discursos hegemônicos envolvem uma série de estereótipos e associações ideológicas comuns – gostar de penetração é (supostamente) gostar de pênis e de homem, pessoas que são penetradas (supostamente) são submissas e, portanto, femininas, o dildo é (supostamente) um substituto pela falta do pênis, e assim por diante – que são (re)produzidos performativamente nas falas cotidianas. Porém, a performatividade, ou o processo pelo qual criamos o que nomeamos, não é somente responsável pela naturalização e normalização de certos discursos, mas também possibilita a ruptura com eles (BUTLER, [1990] 2012). Portanto, examinar e criar inteligibilidades sobre processos discursivos de reforço e subversão da heteronormatividade é uma das tarefas mais urgentes da Linguística *Queer* hoje em dia, e pode contribuir para a transformação de discursos dominantes sobre gênero e sexualidade.

O presente artigo visa a examinar tais processos de reiteração e desestabilização de discursos heteronormativos ao analisar e comparar exemplos de duas pesquisas distintas: uma sobre mulheres bissexuais e outra sobre adeptxs² do pegging, uma prática sexual na qual uma mulher penetra um homem (heterossexual) com um dildo segurado por um cinto. Mais especificamente, a primeira pesquisa trata das performances identitárias de mulheres bissexuais que são ativistas LGBT e os preconceitos bifóbicos que sofrem dentro e fora do movimento. Durante quase dois anos, entre 2010 e 2012, realizamos um trabalho de campo com um coletivo de mulheres lésbicas e bissexuais que fazia parte de um grupo de ativismo LGBT no Centro do Rio de Janeiro. O trabalho de campo envolveu observação etnográfica participante nas reuniões semanais do coletivo e atividades de ativismo do grupo, assim como a gravação de entrevistas individuais semiestruturadas com ativistas que se identificavam como mulheres bissexuais. Nas entrevistas, que foram transcritas usando convenções baseadas naquelas de Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974] 2003; ver anexo), o assunto do uso do dildo nas relações sexuais surgiu espontaneamente em vários momentos.

A segunda pesquisa é focada nas interações digitais de adeptxs de *pegging* sobre os preconceitos que sofrem por causa dessa prática sexual envolvendo penetração com o dildo. A pesquisa envolveu aproximadamente dois anos de etnografia virtual (HINE, 2000, 2005), realizada entre 2014 e 2016, na comunidade online Pegging 101 (“Introdução ao Pegging”, em tradução livre) do site www.tribe.net, uma rede social pública e gratuita que existiu entre 2003 e 2017. De acordo com a moderadora, o propósito da comunidade era a troca de informações, conselhos e histórias sobre o *pegging* entre adeptxs e interessadxs na prática. Embora a comunidade tivesse aproximadamente

² O uso do “x” em palavras como “adeptxs” e “elxs” é um posicionamento crítico contra o binário homem/mulher e uma tentativa de desestabilizá-lo. Se bem que seja possível evitar o masculino genérico através da dupla flexão do gênero (e.g. “adeptos/as”), esta alternativa ainda reifica a naturalização dos (dois) sexos e o binário homem/mulher. O “x” não tem gênero, portanto, inclui performances de gênero que se situam entre os extremos deste binário ou vão além dele, assim contribuindo para subverter o binário em si.

1600 usuárixs de uma grande variedade de identidades de gênero e sexualidade, idades, países etc., um levantamento das informações dos perfis revelou que a maioria era homens cissexuais, brancos, entre 40 e 49 anos, residentes nos Estados Unidos de América. As interações foram traduzidas do inglês para o português brasileiro, procurando manter o nível de (in)formalidade e uso de abreviações do internetês e *emoticons*. Apesar de terem focos e metodologias bastante diferentes, o que ambas as pesquisas têm em comum é o fato de analisar, através de um olhar *queer*, performances discursivas de pessoas que sofrem preconceitos sociais por causa de seus desejos, práticas sexuais e performances identitárias. Ao comparar elementos das duas pesquisas, analisaremos como as falas são moldadas e limitadas por estereótipos e discursos hegemônicos heteronormativos e como reforçam e/ou subvertem a heteronormatividade.

Desta maneira, como mencionamos anteriormente, a visão da Linguística *Queer* é de suma importância para nossa análise. Mas qual Linguística *Queer*, exatamente? Num primeiro momento, ao final dos anos 1990 e início dos anos 2000, a Linguística *Queer* podia ser caracterizada como o estudo da linguagem permeada pelas ideias da Teoria *Queer*. De acordo com Rodrigo Borba (2015, p. 93), nesta primeira fase

[e]studava-se, assim, como pessoas que, por suas vivências sexuais e corporais, relegadas à zona de ininteligibilidade social, faziam uso estratégico de códigos linguísticos dissonantes na negociação de suas identidades e de sua existência cultural. Ou seja, as investigações tentavam explicar como esses indivíduos faziam uso de recursos linguísticos que, à primeira vista, não estariam autorizadas [a] usar e como essa combinação de distintos códigos, registros, sotaques, léxicos etc. construía e (des)legitimava seu lugar social.

Nos últimos dez anos, a Linguística *Queer* tem passado para uma segunda fase, uma mais focada em olhar, criticamente, para a heteronormatividade e como ela é (re)produzida e/ou subvertida discursivamente. De acordo com Borba (2015, p. 94),

[p]assou-se, então, a investigar como discursos (no sentido foucaultiano de práticas que produzem os objetos dos quais falam) deixam traços na língua, possibilitam a ação social e são, na performance linguística, sustentados ou subvertidos. Ou seja, a linguística *queer* tem se configurado como uma área de investigação que estuda o espaço semântico-pragmático entre os discursos dominantes (i.e. heteronormatividade) e a performance linguística situada e tem-se mostrado, assim, como um campo promissor para o estudo de como fenômenos macro-sociológicos que produzem certos indivíduos como seres abjetos, inferiores ou patológicos são sustentados e/ou desafiados nos detalhes mais ínfimos de nossa vida social, notadamente, a linguagem-em-uso.

Por estudar criticamente a heteronormatividade através de uma visão linguística permeada por conceitos das Teorias *Queer*, como a matriz heteronormativa de Judith Butler e o dispositivo dos

usos do cu de Javier Sáez e Sejo Carrascosa, poderíamos dizer que o presente artigo se encaixa na segunda fase da Linguística *Queer*. Ou, talvez melhor, podemos afirmar que é uma tentativa embrionária de fazer algo diferente – uma Linguística Cu(-ir). Como afirma Borba (2015, p. 93), o campo da Linguística *Queer* “é ainda jovem no Brasil, mas promete se desenvolver com mais e mais pesquisadores/as interessadas em investigar as relações entre linguagem e sexualidade, com vistas [a] fazer uma crítica sociocultural e sociolinguística às práticas excludentes da heteronormatividade”. Assim, temos uma oportunidade para fazer uma Linguística *Queer*, ou Cu(-ir), mais nossa, mais inspirada nas teorias e vivências do “cu do mundo”. Uma que faz o que os Estudos *Queer* não têm feito – deslocar o foco das performances identitárias e desejos de homens homossexuais cissexuais para um foco nas mulheres bissexuais, nos homens heterossexuais que dão o cu, nas mulheres que adoram penetrar; em como vivemos nossos corpos nas práticas sexuais com dildos; em como transar, penetrar, ser penetradx muda identificações e produz sujeitos.

No artigo, primeiro, desvelaremos o que seria esta Linguística Cu(-ir) e as lacunas nos Estudos *Queer* que contribuiremos para preencher. Segundo, olharemos para algumas interações das pesquisas anteriormente mencionadas, sobre mulheres bissexuais e praticantes do *pegging*, que discutem o uso do dildo, analisando como discursos sobre penetração reforçam e/ou subvertem a heteronormatividade. Durante a análise, faremos imbricações teóricas com as ideias de Butler ([1990] 2012; [1993] 2019) sobre a matriz heteronormativa e a produção de seres abjetos, as reflexões de Sáez e Carrascosa (2011) sobre as ordens de penetração e o dispositivo dos usos do cu, e as críticas de Paul B. Preciado ([2000] 2014) à falsa visão do dildo como algo que “supriria” a “falta” do pênis. Assim, o artigo não segue a estrutura tradicional acadêmica de expor os pressupostos teóricos antes da análise, mas acreditamos que a imbricação teoria-análise facilitará a compreensão dos conceitos e dialogará com a ideia de uma Linguística Cu(-ir) que não teme desestabilizar paradigmas e tradições.

1. DA TEORIA CU À LINGUÍSTICA CU(-IR): PREENCHENDO LA-CU-NAS NOS ESTUDOS *QUEER*

Em 2012, no IV Congresso Internacional *Queering Paradigms*, a socióloga Larissa Pelúcio fez uma proposta inicial para uma “Teoria Cu”. Esta não seria uma simples tentativa nova de traduzir o termo “Teoria *Queer*” para o português brasileiro, nem de “propor uma vertente de investigação teórica nacional específica chamada de ‘teoria cu’”, mas de “problematizar as formas locais nas quais temos absorvido, discutido e ressignificado as contribuições de teóricxs *queer*” do chamado Norte Global (PELÚCIO, 2014, p. 32)³. Pelúcio chama a atenção para o fato da palavra “cu”, no Brasil,

³ Todas as traduções para o português brasileiro são nossas se não indicado diversamente na lista de referências.

estar associada não somente a dejetos, sujeira, ofensas e palavrões, mas também a uma prática sexual transgressiva, geralmente associada à homossexualidade masculina, embora também considerada fora da norma quando praticada por casais heterossexuais. “O cu é tão excitante quanto é nojento; por isso é *queer*” (PELÚCIO, 2014, p. 37). A autora nos lembra ainda que a palavra também remete à expressão “o cu do mundo”, evidenciando a relação geopolítica desigual entre o chamado Norte e o chamado Sul. A Teoria Cu, então, nutrindo-se das produções das Teorias *Queer* de outros países e fortalecendo nossas produções locais provenientes do “cu do mundo”, seria “uma tentativa de evidenciar nossa antropofagia ao colocar certa ênfase estrutural no ânus e na boca; no ânus e na produção marginal” (PELÚCIO, 2014, p. 47).

O título do presente artigo, “Por uma Linguística Cu(-ir)” é, então, inspirado em parte na ideia de Pelúcio de uma Teoria Cu. A razão por empregar “cu(-ir)” em vez de simplesmente “cu” surge do uso do verbo “cu-irizar” (LEWIS, et al., 2017), que foi cunhado para sublinhar a importância das produções da América do Sul, imbricando o termo “Teoria Cu” de Pelúcio e o verbo *cuirizar* em espanhol, usado (sem hífen) para criar uma ruptura com o discurso colonial anglo-americano e insistir na deslocalização geopolítica. A Linguística Cu(-ir), como a Teoria Cu de Pelúcio, não seria uma tentativa de traduzir “Linguística *Queer*” nem uma tentativa de criar uma nova tradição teórica; pretendemos nos nutrir das Teorias *Queer* e Linguísticas *Queer* de alhures, mas sempre com uma visão crítica e sem esquecer as especificidades e riquezas das nossas produções locais. A Linguística Cu(-ir) poderia, de modo parecido com a Teoria Cu, problematizar como a Linguística *Queer* têm sido discutida, adotada, adaptada e ressignificada aqui no Brasil, embora isso não seja o objetivo do presente artigo. Nosso objetivo principal aqui é de ver como discursos sobre a penetração com dildos contribuem para reforçar ou desestabilizar a heteronormatividade.

Outro objetivo, da Linguística Cu(-ir) em geral e do presente artigo em particular, será de deslocar o foco, tão frequente nos Estudos *Queer*, nas performances identitárias de homens homossexuais para um foco nas práticas sexuais, na penetração e em como definições da sexualidade baseadas no gênero dx(s) parceirx(s) são reiteradas e/ou transgredidas. Como temos argumentado em outros momentos (LEWIS, 2016a, b), inspiradxs em Malena Gustavson (2009) e Laura Erickson-Schroth e Jennifer Mitchell (2009), existe uma espécie de “norma homossexual oculta” nos Estudos *Queer*. As autoras citadas criticam a falta de teorizações e pesquisas sobre a bissexualidade nos Estudos *Queer*, afirmando que, ao privilegiar o estudo dos homens homossexuais, reforça-se o binário heterossexual/homossexual em vez de desestabilizá-lo. A Linguística *Queer* parece ter avançado nesse aspecto, como temos argumentado alhures (LEWIS, 2018), pois há uma maior proporção de estudos sobre lésbicas e alguns sobre pessoas bissexuais. Porém, embora concordemos que ainda há uma falta de estudos sobre a bissexualidade e um consequente reforço do binário

heterossexual/homossexual, parece-nos que existe outro problema de fundo: embora as Teorias *Queer* proporcionem as bases para pensar a sexualidade e o desejo para além de categorias baseadas no gênero dx(s) parceirx(s), com frequência acabam por reforçar tais categorias mais do que desestabilizá-las. Não estamos dizendo que essas categorias não devam ser estudadas; de fato, fazem parte integral da maneira atual de apreender a sexualidade. O que estamos afirmando é que precisamos prestar mais atenção a outras maneiras de pensar a sexualidade e, quando optamos por estudar as categorizações mais comuns, olhar de maneira mais minuciosa para reiteraões e subversões de discursos heteronormativos.

Outra lacuna nas Teorias *Queer*, evidenciada por Jack Halberstam, dialoga com a questão da norma homossexual oculta e a necessidade de pensar as sexualidades de outra maneira. A partir de uma inquietação sobre como as Teorias *Queer* se colocam tão poucas vezes a questão de como transamos e o que pensamos quando transamos, assim reforçando a sexualidade branca como a norma, Halberstam ([1997] 2008, p. 138) observa que isso “expõe a necessidade da existência de projetos descritivos *queer* sobre o sexo que mostrem que a diferença somente é visível por meio dos detalhes e das especificidades das práticas sexuais”. Halberstam insiste também na necessidade de não universalizar as experiências gays e lésbicas a partir de definições brancas. Esta ideia é importante, embora possa se beneficiar de certa ampliação: é mister não universalizar as experiências de qualquer grupo (não somente as de gays e lésbicas) a partir de definições não apenas brancas, mas brancas, cristãs, de classe média. De acordo com Halberstam ([1997] 2008, p. 141):

Obviamente, um discurso sobre os atos [sexuais] por si mesmo realmente não vai resolver o problema do heterossexismo ou o da homofobia desenfreada. Nem vai nos afastar do mundo das identidades sexuais. Porém, pode mostrar cenas sexuais e práticas sexuais e identificações de prazer que frequentemente são invisibilizadas pelo contínuo homossexual-heterossexual. Saber o que as pessoas fazem sexualmente e, além disso, conhecer que tipo de discurso erótico usam para descrever o que fazem sexualmente pode ajudar a reescrever as teorias psicanalíticas do desejo e as teorias científicas sobre a sexualidade.

Essa importância de estudar a diversidade dos atos sexuais dialoga bem com outra lacuna nas Teorias *Queer* levantada por Preciado ([2000] 2014, p. 96): o fato de haver poucos estudos *queer* que consideram o dildo e outras “máquinas sexuais” e “objetos impróprios” usados para a produção do prazer.

A presente pesquisa pretende contribuir para preencher essas três lacunas inter-relacionadas. Primeiro, esperamos combater a norma homossexual oculta nas Teorias *Queer* ao olhar para os discursos de ativistas bissexuais e de adeptxs de *pegging*, uma prática sexual considerada pouco heteronormativa apesar de ser realizada majoritariamente por pessoas heterossexuais. Segundo,

pensando nas lacunas levantadas por Halberstam e Preciado, olharemos para como a penetração com dildos em atos sexuais específicos muda como sujeitos se veem e são vistos por outros, assim como as reiterações e subversões de discursos heteronormativos que aparecem em suas falas sobre suas práticas sexuais e desejos. Se, como vimos na seção anterior, nos últimos anos a Linguística *Queer* tem se tornado uma área que investiga a relação entre os discursos dominantes heteronormativos e performances linguísticas situadas que (re)produzem ou subvertem a heteronormatividade (BORBA, 2015, p. 94), o presente artigo certamente se encaixa nessa tendência. O que faz com que o estudo seja “cu-ir”, então? Não pode ser simplesmente por falar da penetração anal no *pegging*, pois também discute a penetração vaginal em relacionamentos entre mulheres lésbicas e bissexuais. Uma Linguística Cu(-ir) não é cu(-ir) somente por falar do cu, mas por causa de, na tentativa de preencher as lacunas supracitadas, olhar para temas que os Estudos *Queer* frequentemente não olham – ou não querem olhar –, mostrando o potencial de fazer uma análise linguística desses casos.

2. DESESTABILIZANDO A ASSOCIAÇÃO DILDO-HOMEM EM RELACIONAMENTOS ENTRE MULHERES

O primeiro trecho que analisaremos faz parte da pesquisa sobre as performances identitárias de mulheres bissexuais que são ativistas LGBT e os preconceitos bifóbicos que sofrem. É um excerto de uma entrevista com Nádia⁴, uma jovem mulher brasileira do Rio de Janeiro que se identifica como bissexual e que tinha 21 anos no momento da gravação. A estilização do corpo na sua performance de gênero é ideologicamente associada à feminilidade. Não falou explicitamente da sua performance identitária de raça nem de sua classe social, mas elementos como o lugar onde estudou e o bairro de moradia indicam que talvez seja de classe média ou média-baixa, e seus posicionamentos observados em outros momentos do trabalho de campo fizeram com que a identificássemos como negra. Nádia teve um filho ao início da adolescência, quando estava em um relacionamento com um menino, e no momento da entrevista fazia aproximadamente dois anos que estava em um relacionamento com outra ativista do grupo LGBT que se identifica como lésbica.

Começamos a entrevista com Nádia pedindo para ela falar sobre o processo de sair do armário; ao narrar essa história, Nádia se concentrou sobre sua relação com a sua namorada, Alícia.

⁴ Todos os nomes em ambas as pesquisas foram mudados para preservar a anonimidade. Ao escolher pseudônimos para xs usuárixs na pesquisa sobre o *pegging*, tentamos usar nomes irreconhecíveis, porém indicativos da tipologia do nome de usuárix original. Em outras palavras, se a pessoa usava um nome de usuárix como “John”, o substituímos por outro primeiro nome que refletisse a performance de gênero do original; se a pessoa usava um nome de um local ou objeto, o substituímos por outro local ou objeto, se usava somente um inicial o substituímos por outro inicial, e assim por diante.

No trecho abaixo, Nádia fala de algumas dificuldades que surgiram nesta relação devido ao fato de ela se identificar como bissexual.

Quadro 1 – Transcrição da entrevista com Nádia

591	Nádia	até <assim> (.) eu nunca experimentei <u>dildo</u> . né?
592		pênis tal °prótese artificial°. <e eu tinha vontade>.
593		de experimentar. e eu <não falava isso> >para minha parceira<
594		porque eu tinha medo que ela interpretasse aquilo
595		<CO:::mo uma necessiDA:::de FÍ:::si:ca>, entendeu,
596		<do FA:::lo:>. que não [e:ra, sabe.]
597	Eli	[é. me] passa a mesma coisa.
598		[a me:sma coisa.]
599	Nádia	[hoje em di:a,] a gente já conseguiu desconstruir esse tabu.
600		sa:be? eu falo, ela, >às vezes ela até pergunta< “mas (.)
601		para que que você quer i::sso? <↑poxa> não- não é legal?”
602		>e eu< “cla::ro que é legal e você é super legal
603		então imagina que te↑são::” sa:be
604	Eli	sim
605	Nádia	“que não vai se::r, super difere::nte, super outra coisa.” sabe?
606		“vamo ten↑tar” eu demorei (.) tipo mu::ito te:mppo
607		para assumi:r para e:la.
608	Eli	sim
609	Nádia	que que eu gostaria de de testar, sabe,
610	Eli	sim
611	Nádia	de utilizar. a gente nunca fez ainda. ma:s já está na nossa pauta
612		assim, ela já entende que não é uma necessida::de de fa::lo,
613		não é uma necessida::de de ho::mem.
614		>até porque se eu quiser um homem< cara, eu pego um ↑ho:mem
615		[entendeu?]
616	Eli	[hh]
617	Nádia	não pego só uma PARTE do ↑ho:mem
618	Eli	HHH
619	Nádia	né? você quer- hh você gosta do ↑ho:mem hh
620	Eli	i:sso. H
621	Nádia	né? [então assim]
622	Eli	[muito bom]
623	Nádia	() o tabu acho isso uma besteira. sabe? mas era um tabu
624		na minha relação. eu chegar e abrir para ela que tinha-
625		até uma amiga vei::o: ela namorava também dois anos uma meni::na
626		(.) que a priori era heterossexua:l, e ta:l,
627		e elas compra:ram a ci::nta e aí troca::vam,
628		uma fazia na ou::tra, >e ela veio com esse depoimento<
629		e “pô é super legal, é muito bom, >porque a gente vai para um
630		motel<, a gente bri::nca”
631	Eli	hh
632	Nádia	>aqui mesmo dentro do grupo ((LGBT))< a a gente ti-
633		tinha um outro casal de mulheres que:: que: falava i::sso, né?
634		>falava< “nossa sua mão fica li:vre Ô,
635	Eli	hh
636	Nádia	cê faz o que você quiser TÁ SÓ ASSIM ↑ô” ((mostra ter as mãos
637		livres)) [entendeu]
638	Eli	[HHH]
639	Nádia	“e você pode brinCAR e vai aQUI e vai aLI” porque né?
640		quando a gente pega a parceira com a mão,
641		você fica meio PREsa [ali. né?]
642	Eli	[HHH]
643	Nádia	porque só tem um:a e fica limita:do o espa::ço.
644	Eli	.h °verda:[de°]

645	Nádia	[né?] e quando você p- p- né? cê utiliLI::za
646		esses acessó::rios você tem mais liberda::de >para fazer,
647		para acontecer e tal<, e aí depois desses depoime:ntos mais ou
648		menos eu fui leva::ndo a questão:: para e::la "pô: acho que (.)
649		seria legal, você não acha que seria um tesão::?
650		pô, super bacaa::na e tal." e aí já é uma coisa mais acei:ta
651		hoje em dia mas eu tinha °medo° no começo. de [() hh]
652	Eli	[ah eu também]
653		não sei, às vezes eu falei isso e a menina me falou
654		"não:: eu ↑não::- você só quer homem." sempre. .hh °não sei°.
655	Nádia	e não era i:sso sabe. não ↑é isso. é uma experimentação::.. sabe?
656		=porque não?
657	Eli	°sim° [também porque ()]
658	Nádia	[é porque não ()]
659	Eli	tem lésbicas que não querem ficar com homens que usam, então.
660		tipo, [que? elas querem] ho:mens?
661	Nádia	[poi:s ↑É::]
662	Eli	hh não.
663	Nádia	não:: querem uma coisa difere::nte, a gente quer testar. sabe?
664		eu também não vou aposentar as mãos não depois [disso, sabe?]
665	Eli	[HHH]
666	Nádia	de maneira nenhu:ma, fala sé::rio. sabe?
667		mas aí rola esses tabus idiotas, né? que identifica-
668		((somos interrompidas porque Alícia abre a porta))

No trecho acima, Nádia explica que tinha receio de propor a Alícia de experimentar com um dildo nas relações sexuais por medo que esta interpretasse o desejo de fazer tal prática como uma necessidade de ter relações sexuais com homens. Ela mostra a força desse receio ao falar diversas vezes do medo e da dificuldade em abordar o assunto: “e eu <não falava isso> >para minha parceira< porque eu tinha medo” (linhas 593-594), “eu demorei (.) tipo mu::ito te:mpo para assumi:r para e:la.” (linhas 606-607), “eu chegar e abrir para ela que tinha-” (linha 624), “mas eu tinha °medo° no começo” (linha 651). Mais especificamente, Nádia temia que uma proposta de experimentação com o dildo fosse interpretada pela sua parceira “<CO::mo uma necessiDA:::de FÍ:::si:ca> [...] <do FA:::lo:>” (linhas 595-596) ou do homem cissexual (linhas 612-613). Nádia enfatiza seu desacordo com tal interpretação através dos alongamentos das sílabas e as mudanças de velocidade e volume nas suas elocuições. Se, como é apontado nas linhas 659 a 660, uma lésbica pode ser penetrada com um dildo por sua parceira lésbica sem nenhuma das duas no fundo desejar ter relações sexuais com homens, por que quando uma mulher bissexual deseja que sua parceira a penetre com um dildo, surge-se o medo que ela no fundo deseje um homem e/ou um falo “de verdade”? À diferença do que nos dizem certas vertentes da psicanálise, uma mulher que penetra com ou deseja ser penetrada por um dildo não está tentando compensar por alguma “falta”. Ela pode estar desejando experimentar o prazer específico de penetrar com ou ser penetrada por este objeto. Ao mesmo tempo, Preciado ([2000] 2014, p. 78) nos adverte de ter cuidado de não simplesmente afirmar que “existe uma distância

entre o falo e o pênis que o sexo lésbico [ou entre mulheres] pode superar, reterritorializar e subverter”, pois ao fazer isso, certas feministas acabam por reiterar a mesma linguagem psicanalítica que pretendem combater. Continuando, Preciado assevera: “O dildo não é o falo e não representa o falo porque o falo, digamos de uma vez por todas, não existe. O falo não é senão uma hipóstase do pênis” ([2000] 2014, p. 78). Em outras palavras, ao falo lhe foi atribuído uma existência real e natural quando no fundo não passa de uma invenção das teorias psicanalíticas. Assim, Preciado não somente argumenta que o dildo não é uma simples imitação do pênis, mas também argumenta a favor de eliminar o conceito psicanalítico de falo. Em vez de pensar o dildo como algo subversivo que se encaixa na “distância entre o falo e o pênis”, precisamos eliminar o conceito do falo, eliminar a ideia do dildo como imitação do pênis, e analisar o “dildo como tecnologia sexual que ocupa um lugar estratégico entre as tecnologias de repressão da masturbação e as tecnologias de produção de prazer” (PRECIADO, [2000] 2014, p. 78). No caso de Nádia, o desejo de usar o dildo está mais relacionado ao segundo – o dildo como tecnologia de produção de prazer – no caso, o prazer específico de usá-lo com a namorada.

Porém, Alícia não percebeu inicialmente esta possibilidade do prazer específico do dildo. Nádia explica que quando finalmente propôs experimentar com o dildo, ao início a namorada não gostou da ideia e que durante muito tempo o uso do mesmo foi um “tabu” na relação (linhas 599, 623-624). Reportando a fala de Alícia, Nádia diz: “mas (.) para que que você quer isso? <↑poxa> não- não é legal?” (linhas 600-601), assim mostrando uma conexão entre a ideia da necessidade física do falo e a ideia de Alícia que Nádia, supostamente, não estava satisfeita sexualmente no relacionamento.

O fato de uma parceira lésbica, em um relacionamento com uma mulher bissexual, querer evitar certas práticas sexuais que são ideologicamente associadas ao homem e/ou à heterossexualidade está conectado a um preconceito que temos chamado, alhures, de “supersexualização” ou “hipersexualização” da bissexualidade (LEWIS, 2012, 2017). Esse preconceito abarca vários estereótipos sobre as pessoas bissexuais, incluindo a ideia que a pessoa bissexual precisa ter, constantemente, relações sexuais com homens e mulheres para obter satisfação sexual plena; que, por consequência, pessoas bissexuais seriam infiéis em relacionamentos monogâmicos, sempre traindo x parceirx com indivíduos do gênero “oposto”; que a atividade sexual ideal para pessoas bissexuais é um trio ou *ménage* envolvendo um homem e uma mulher; e assim por diante. No trecho analisado aqui, parece que as preocupações de Alícia, como são caracterizadas por Nádia, estão relacionadas ao primeiro estereótipo mencionado – a ideia que uma pessoa bissexual não poderá ficar sexualmente satisfeita com somente “um” dos gêneros – e também à associação ideológica entre o dildo e o pênis do homem cissexual. Nádia, reportando a própria fala, tenta

combater tais estereótipos ao responder à dúvida sobre sua plena satisfação sexual dizendo: “cla::ro que é legal e você é super legal então imagina que te↑sãõ::” (linhas 602-603). Assim, Nádia argumenta não somente que está sexualmente satisfeita, mas que também está satisfeita com sua companheira em geral, e que o uso do dildo seria simplesmente algo excitante para as duas experimentarem juntas – um desejo específico para uma prática sexual específica entre mulheres.

Quando, alinhando-me com Nádia, menciono ter passado por situações nas quais parceiras lésbicas questionaram minha vontade de usar dildos, dizendo que eu “na verdade” queria (supostamente) um homem (linhas 652-654), Nádia se alinha comigo levantando novamente o uso do dildo entre mulheres como um desejo específico não conectado ao desejo por homens: “e não era i::sso sabe. não ↑é isso. é uma experimentação::” (linha 655), “uma coisa difere::nte, a gente quer testar” (linha 663). Ela também afirma que não vai “apresentar as mãos não depois disso [usar o dildo] [...] de maneira nenhu::ma, fala sé::rio” (linhas 664, 666), o que também serve para mostrar que o dildo pode fazer parte de um repertório maior de práticas sexuais em vez de se tornar a única possibilidade para as relações sexuais do casal.

Mais tarde, Nádia explica que quando dois casais de mulheres disseram que gostavam de usar dildos, sua namorada finalmente aceitou que o desejo de experimentar com o dildo não era uma manifestação do desejo por um homem (linhas 625-651). O uso do dildo por outros casais de mulheres, particularmente quando as duas se identificam como lésbicas (e então teoricamente não gostam de homens), serve para deslegitimar a interpretação do desejo de usar um dildo como um desejo por um homem. Mais tarde, eu, alinhando-me com Nádia, comento isso diretamente, observando que “tem lésbicas que não querem ficar com homens que usam [dildos]” (linha 659), uma observação à qual Nádia reage respondendo enfaticamente “poi::s ↑É::” (linha 661). O argumento do desejo de usar um dildo ser equivalente ao desejo por um homem também é deslegitimado por Nádia através das elocuições “>até porque se eu quiser um homem< cara, eu pego um ↑ho::mem[...] não pego só uma PARte do ↑ho::mem” (linhas 614, 617). Ao dizer que não pegaria “só uma PARte do ↑ho::mem”, Nádia reforça a associação ideológica entre o dildo e o homem cissexual, como também tinha feito ao início do trecho, ao definir o dildo como um “pênis tal °prótese artificial°” (linha 592)⁵. Porém, esse

⁵ À diferença de Preciado, que usa a palavra “prótese” para pensar em possibilidades de aumentar a potência do corpo e reconfigurá-lo, Nádia, ao qualificar a palavra “prótese” com o adjetivo “artificial” na mesma frase que menciona o pênis, acaba por fazer uma definição do dildo nas linhas de um objeto que “imita” ou “substitui” o pênis.

reforço de discursos heteronormativos simultaneamente abre a possibilidade para uma subversão: Nádia separa o desejo de penetração com um dildo nas práticas sexuais com uma mulher do desejo de penetração com um pênis nas práticas sexuais com um homem cissexual. Isso, de modo parecido com a fala que analisamos no parágrafo anterior (que o dildo não suprimiria uma suposta falta, mas seria algo excitante para o casal experimentar), nos permite repensar o uso do dildo como um desejo ou uma preferência por certa prática sexual.

Para Preciado ([2000] 2014), todo corpo é uma produção prostética cujo gênero é produzido, em parte, por meio de próteses farmacológicas (drogas, hormônios etc.) e tecnológicas (implantes, dildos etc.). Já que todo corpo usa algum tipo de prótese, o uso do dildo por uma mulher não é uma tentativa de suprimir a suposta falta do falo ou pênis do homem cissexual, mas uma escolha de usar uma “máquina manual” ou “prótese [...] que prolonga e aumenta a capacidade já confirmada de sua mão trabalhadora” e “se transform[a] em uma prolongação plástica da pélvis” (PRECIADO, [2000] 2014, p. 208)⁶. Inspirada em Preciado, Maria Filomena Gregori (2016, p. 129) chama a atenção para uma “dupla dimensão” do uso do dildo e outras próteses: “de um lado, o uso desses objetos suplementa, expande ou amplia a natureza limitada da carne humana”, como é o caso do dildo empregado por uma mulher para aumentar a potência de sua mão; “de outro, essa operação implica remodelar o corpo segundo novas configurações (movimentos, texturas e até temperatura)”, não suprimindo uma falta, mas criando novas possibilidades corporais. Nádia, a partir do depoimento de um dos casais de mulheres que usava dildos, frisa que o uso do dildo pode trazer vantagens para as mulheres: que aquela que usa o dildo segurado por um cinto pode ficar com as mãos livres para tocar e estimular a parceira (linhas 634-646), assim ilustrando a “dupla dimensão” da qual Gregori falava. O uso de fala reportada direta nas linhas 634, 636 e 639 serve para dar mais credibilidade aos argumentos apresentados pelo casal, e Nádia mostra seu entusiasmo para as possibilidades novas proporcionadas pelo dildo através de várias subidas de volume e alguns alongamentos silábicos: ““nossa sua mão fica li:vre Ô, [...]cê faz o que você quiser TÁ SÓ ASSIM ↑Ô”” (linhas 634, 636), ““e você pode brinCAR e vai aQUI e vai aLI”” (linha 639), “cê utiLI::za esses acessó::rios você tem mais liberda::de” (linhas 645-646). Tudo isso serve para chamar mais atenção para as possibilidades do dildo usado numa relação sexual entre mulheres, enfraquecendo a ideia da necessidade do homem.

Aqui, podemos ver a importância de uma Linguística Cu(-ir) que analise discursos sobre práticas sexuais, prazeres e desejos específicos frequentemente invisibilizados pelo binário

⁶ Nesta citação, Preciado está falando do uso do dildo pela lésbica *butch* ou “caminhoneira”; entretanto, acreditamos que as mesmas afirmações podem ser aplicadas ao uso do dildo por qualquer mulher. Vale a pena notar, porém, que Preciado tende a falar do uso do dildo entre mulheres como se essas fossem sempre lésbicas, ignorando as mulheres bissexuais.

heterossexual/homossexual (HALBERSTAM, [1997] 2008), como a penetração com dildos entre mulheres lésbicas e bissexuais. As falas de Nádia, embora em certos momentos reforcem ideias heteronormativas, como a visão do dildo como um pênis prostético, também subvertem a heteronormatividade. Ela consegue mostrar que o desejo de usar um dildo pode ser um desejo específico, em vez de uma tentativa de “suprir” a falta do homem cissexual ou do pênis. A Linguística Cu(-ir), ao visibilizar e criar inteligibilidades sobre tais práticas, prazeres e desejos, pode contribuir para mudar discursos heteronormativos dominantes e fazer com que uma gama maior de experiências sexuais seja possível para todxs.

3. DESESTABILIZANDO A ASSOCIAÇÃO ENTRE PENETRAÇÃO ANAL E “PERDA” DA MASCULINIDADE E HETEROSSEXUALIDADE

Os trechos que serão analisados a seguir provêm da pesquisa sobre a comunidade *online* para praticantes de *pegging*. Esta pesquisa é de interesse para a Linguística Cu(-ir) não simplesmente por envolver, literalmente, o cu, mas sobretudo porque abre possibilidades para pensar a sexualidade e o desejo para além do gênero dx(s) parceirx(s), combatendo a norma homossexual oculta nos Estudos *Queer*. A matriz heteronormativa proposta por Butler ([1990] 2012) requer que o sexo ao qual uma pessoa é designada ao nascer se alinhe com sua identidade de gênero, que por sua vez se alinhe com um desejo por pessoas do sexo/gênero “oposto”. Assim, é uma matriz excludente que produz sujeitos heterossexuais e cissexuais, mas não somente: ao mesmo tempo que cria seres que se encaixam na norma, também exige “a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são ‘sujeitos’, mas que formam o exterior constitutivo do domínio do sujeito. [...] [O] sujeito é constituído por meio da força de exclusão e abjeção [...]” (BUTLER, [1993] 2019, p. 18). Pensando nesta produção de sujeitos “normais” e “abjetos”, os homens que praticam o *pegging* são um caso muito interessante. À primeira vista, encaixam-se no alinhamento sexo-gênero-desejo prescrito pela matriz heteronormativa: foram designados meninos ao nascer, sua identidade de gênero é masculina, e sentem desejo por mulheres que foram designadas meninas ao nascer e se identificam com a feminilidade; em outras palavras, são homens cissexuais e heterossexuais. Porém, no senso comum heteronormativo, frequentemente são alvos de preconceitos: são vistos como homens que não querem admitir ser homossexuais, e/ou como menos masculinos, por gostarem de “receber” penetração anal. Para explicar isso, podemos olhar para algumas teorizações de Sáez e Carrascosa (2011, p. 73):

Debaixo do dispositivo que conhecemos [a matriz heteronormativa], que divide os sujeitos em homens e mulheres e as orientações sexuais em homossexuais, bissexuais e heterossexuais, existe outro dispositivo subjacente muito mais poderoso, baseado nos usos do cu. Para este dispositivo, um homem penetrador é heterossexual embora penetre outros homens. E um homem penetrado já não é mais

um homem, é uma mulher. Uma mulher não penetrável é masculina, e o sistema machista a sanciona e persegue por não ceder ao esquema que se aplica às biomulheres (penetráveis). Deste modo, vemos que tanto a identidade de homem e de mulher, quanto o que se considera masculino e feminino, está articulado ao redor do cu, não da genitalidade.

Para os autores, esses dois dispositivos – a matriz heteronormativa e o dispositivo dos usos do cu – estão totalmente imbricados. Porém, o primeiro dispositivo, a matriz heteronormativa, fica mais evidente na nossa sociedade, enquanto o segundo, o das ordens de penetração e dos usos do cu, é mais silencioso e oculto (SÁEZ; CARRASCOSA, 2011, p. 173). Assim, vemos que, para evitar ser visto como um “ser abjeto”, não é suficiente se encaixar no alinhamento sexo-gênero-desejo prescrito pela matriz heteronormativa. Também é necessário performar o gênero e a heterossexualidade de certas maneiras heteronormativas, discursivamente e durante as práticas sexuais. Como observa Peter Fry (1982, p. 91, grifos meus), “se espera do ‘homem normal’ que seja do sexo masculino, que desempenhe o papel de gênero masculino, *que seja ‘ativo’ sexualmente* e que tenha uma orientação sexual heterossexual”. A ideia de o homem não simplesmente ter que performar a heterossexualidade, mas também ser “ativo”, é muito importante, e explica por que os adeptos do *pegging* são alvos de preconceitos: se encaixam, à primeira vista, no alinhamento da matriz heteronormativa, mas não nas ordens de penetração prescritas pelo dispositivo dos usos do cu, pois são homens que gostam de ser penetrados. O homem “de verdade” não deve permitir estimulação anal: “ser um homem (e ser um heterossexual) não parece depender tanto de ter genitais masculinos [...], quanto de manter o cu sempre fechado à penetração” (SÁEZ; CARRASCOSA, 2011, p. 173). Preciado observa algo nas mesmas linhas: “Fechar o ânus é desfeminizar o corpo. [...] Para aprender, e para ensinar (a ser heterossexual), portanto, é necessário fechar o ânus, evitar a passividade” ([2000] 2009, p. 166-167).

Na comunidade Pegging 101, porém, xs usuárixs não se submeteram às normas, recusando-se a fechar não somente seus cus, mas suas bocas. A moderadora, por exemplo, explicou seu motivo por participar da comunidade dizendo que estava “trabalhando para mudar a concepção errada de que um homem deve ser gay se ele gosta de estimulação anal”. Em outra postagem, propôs alguns argumentos contra essa ideia:

1) A parte do seu corpo que você prefere ter estimulada não tem qualquer relação com o gênero que você prefere que faça a estimulação.

2) Um homem ser comido com um dildo e cinto tem tanta chance de virar gay quanto uma lésbica ser comida com um dildo e cinto tem chance de virar hétero.

Então esses são conceitos lógicos – aquela coisa de “ele é gay” não é lógica – é extremamente reaçã. (A coisa interessante é que embora todo sexo anal masculino seja conectado de forma irrevogável [no senso comum] com homens gays – muitos homens gays nem fazem sexo anal).

Assim, a moderadora oferece alguns argumentos para combater a associação ideológica

entre o prazer anal masculino e a homossexualidade: primeiro, que o tipo de estimulação que uma pessoa curte não tem nenhuma relação direta com o gênero da pessoa que realiza a estimulação. Segundo, que lésbicas não se tornam mulheres heterossexuais por usarem dildos, portanto homens heterossexuais não se tornarão gays por serem penetrados com dildos. Podemos comparar este argumento com aquele que Nádia e eu coconstruímos (ver linhas 659-663 na seção anterior) sobre o fato de lésbicas usarem dildos sem isso ser uma manifestação de um desejo por homens. Terceiro, já que existem homens gays que não gostam de sexo anal, nem como “passivos”, nem como “ativos”, a penetração anal não pode ser o fator que define se um homem se identifica ou não como gay. Por um lado, a moderadora consegue desestabilizar a associação ideológica entre o prazer anal e a homossexualidade. Porém, nos primeiros dois argumentos, também reforça simultaneamente outra ideia heteronormativa: a definição da sexualidade com base no gênero dx(s) parceirx(s). Como nos mostra a teórica *queer* Eve Kosofsky Sedgwick (1990), existem infinitas maneiras de pensar a sexualidade – preferência para certas práticas sexuais, certas idades, certos tipos físicos, certas dinâmicas de poder, certo número de relações ou participantes, e assim por diante – mas, apesar disso, sempre focamos em categorias baseadas no gênero dx(s) parceirx(s), como heterossexual, homossexual, bissexual etc. Os primeiros dois argumentos da moderadora reforçam esta definição heteronormativa. O último argumento, sobre o fato de que muitos homens gays não praticam nenhuma forma de sexo anal, talvez abra uma brecha (apesar do uso da categoria “gay”) para pensar a sexualidade de outra maneira – com base nas preferências para atos sexuais, como nos sugere Sedgwick, em vez de com base na preferência para certo(s) gênero(s).

Na comunidade Pegging 101, xs outrxs usuárixs também se valeram de várias estratégias discursivas para combater as associações ideológicas entre a penetração do homem e a feminilidade, e entre o prazer anal masculino e a homossexualidade. Muitas dessas estratégias apareceram em uma página de discussão intitulada “Uma pergunta para os cavaleiros”, aberta pela moderadora, onde ela indagou:

Se você já experimentou o *pegging* um pouco (ou muito)... depois das primeiras vezes, você sentiu vontade de reafirmar sua masculinidade de alguma maneira? Sentiu que ser penetrado por sua parceira de alguma maneira te provocou dúvidas sobre a sua virilidade um pouquinho? Já passou por emoções parecidas a essas?

Depois desta postagem inicial, vários usuários responderam dizendo que nunca questionaram sua masculinidade, por exemplo:

Hans: [...] nunca tive essas emoções. mas outros homens e mulheres que não praticam [o *pegging*] dizem que não posso ser um ‘homem de verdade’.

Will: [...] quanto mais intensa a experiência sexual entre minha esposa e eu, quanto mais masculino eu me sinto. Se o fato dela colocar algo no meu reto facilita isso, tô totalmente a favor.

TrooperTom: [...] Os orgasmos que tenho enquanto faço *pegging* são mais fortes, ejaculo mais e duram mais tempo, me fazem sentir mais masculino... [...] Mesmo em posições muito submissas como de costas amarrado com minhas pernas abertas como a letra V totalmente aberto para ser comido.

Malcolm: [...] Nunca questiono minha masculinidade porque estou totalmente consciente de que para ser homem você precisa se aceitar.

O usuário Hans observa um contraste entre como ele se sente em relação à sua própria masculinidade e como é percebido por outras pessoas que não são praticantes de *pegging*. Não tenta justificar por que não se sente menos masculino, provavelmente por ter como público xs usuárixs da comunidade, cheia de pessoas com interesses em comum e opiniões parecidas (pelo menos em relação à visão crítica dos preconceitos) sobre o *pegging*. Os usuários Will e TrooperTom afirmam sentir-se mais masculinos por experimentarem prazer muito intenso durante o *pegging*, mostrando, de certa maneira parecida com as argumentações de Nádía (ver seção anterior) e Gregori (2016), que o dildo pode ampliar o potencial do corpo e do prazer. Malcolm, por outro lado, ressignifica o conceito de masculinidade, sugerindo que o fator mais importante em ser homem é se aceitar, em vez de insistir em atributos estereotipados, como ser forte, corajoso, pouco emotivo etc. Assim, vemos algumas estratégias discursivas que combatem a associação ideológica entre a penetração e a feminilidade, subvertendo a matriz heteronormativa e o dispositivo dos usos do cu. Ao mesmo tempo que ressignificam ideias do senso comum sobre a masculinidade, porém, sentir-se “(mais) masculino” ainda aparece como algo a ser valorizado.

Outros usuários, apesar de não dizerem sentir-se menos masculinos, afirmaram que o *pegging* os fez sentir mais femininos ou mais “equilibrados” entre masculinidade e feminilidade.

Matt: Não vejo a necessidade de reafirmar a minha masculinidade. Preciso sim que meu lado feminino seja reafirmado e quando uma mulher me come no *pegging* eu adoro.

R: Com certeza [o *pegging*] me ajuda a sentir mais feminino. Os dias depois de uma sessão [de *pegging*] me deixam com uma sensação terna e de satisfação. Nunca fui realmente carinhoso, mas [o *pegging*] me deixa querendo ser abraçado e confortado (não por estar desconfortável, mas porque me sinto mais aberto, mais vulnerável talvez). [...]

Simon: Passei um pouco por esta crise quando me dei conta pela primeira vez da associação estigmática entre sexo anal e homossexualidade. Embora não diretamente relacionado com feminização é de certa maneira a mesma dinâmica. Desde quando tive o prazer de compartilhar esta atividade com as parceiras que tenho, não houve mais questões sobre a masculinidade de modo algum. Estou trabalhando para poder expressar minha natureza masculina e feminina mais como uma questão de desenvolvimento espiritual. Também não me sinto ameaçado de modo algum por uma mulher forte ou dominante. Acho que as mulheres assim são excitantes, mental e sexualmente!

No comentário de Matt, a penetração aparece como algo que permite o homem estar mais em contato com seu “lado feminino” (mas que não necessariamente o homossexualiza), assim reforçando o binário de gênero e a ideia de que “receber” a penetração seja o papel da mulher. O comentário de R compartilha uma visão parecida, assim como reforça discursos ideológicos heteronormativos que caracterizam a feminilidade como sendo vinculada a carinho, ternura e

vulnerabilidade. A postagem de Simon também sugere que o *pegging* pode feminizar, de certa maneira, já que, para ele, a prática tem uma dinâmica parecida com a da feminização e lhe permite expressar sua “natureza” feminina. Assim, sugere que a penetração feminiza o homem e contribui para o homem poder explorar seu “lado” feminino, quase como uma questão espiritual. Ao mesmo tempo, tais “feminizações” não parecem fazer com que Simon se sinta menos masculino, já que ele afirma não ter questionado mais sua masculinidade após suas preocupações iniciais com a associação ideológica entre o prazer anal masculino e a homossexualidade (o que mostra também a imbricação entre performances identitárias de masculinidade e de heterossexualidade, como veremos adiante).

À diferença dos usuários acima, outros comentaram que sentiram vontade de reafirmar sua masculinidade depois de ter experimentado o *pegging*.

Jared: As primeiras vezes que fizemos *pegging* de fato me senti menos masculino. Talvez eu seja uma exceção, lendo os outros, ou talvez só mais honesto. Cada vez que brincávamos assim eu senti o impulso de realmente ‘comer ela bem duro’ [*give it to her good*] depois para provar [minha masculinidade].

Man: Às vezes depois da minha namorada me comer [com um dildo] até eu gozar, eu como ela um pouco mais agressivo [*rougher*] do que normal – talvez para reafirmar que sou um ‘HOMEM’.

Phillip: Não lembro de ter tido dúvidas sobre a minha masculinidade quando começamos a fazer *pegging* ou depois. Sempre me dá uma vontade forte de ter sexo convencional com minha mulher o quanto antes, depois.

Embora Jared seja o único dos três usuários acima que admitiu ter se sentido menos masculino, o que os três comentários têm em comum é a ideia de fazer sexo vigoroso com o homem no papel do penetrador (Jared e Man) ou sexo mais tradicional, presumivelmente também com o homem no papel do penetrador (Phillip). Assim, vemos o reforço de associações ideológicas heteronormativas entre ser homem e ser penetrador e entre ser homem e ser forte e/ou agressivo. Nos comentários, o sexo vigoroso ou convencional é construído como uma maneira de “compensar” pelo fato de ter sido penetrado, reafirmando ou comprovando novamente a masculinidade para si mesmo e talvez também para a parceira, depois do ato “ameaçador” do *pegging*.

A breve seleção de trechos acima pode dar a impressão que os usuários discutiram principalmente questões de masculinidade (ou feminilidade). Interessantemente, porém, a maioria dos homens respondeu dizendo que nunca começaram a duvidar de sua *heterossexualidade*, em vez de falar de *masculinidade* ou *virilidade* como a moderadora tinha perguntado, mostrando e (re)produzindo a forte associação ideológica entre masculinidade e heterossexualidade.

Casey: [...] Sobre a ideia [do *pegging*] ser gay, tô transando com minha esposa. O_o [...].

Ted: [...] Não, nem um pouquinho. Eu não conseguiria ficar duro com um homem – não me interessam enquanto objetos sexuais. Eu gosto de ser penetrado – mas realmente só funcionaria com uma mulher com um dildo e cinto – particularmente a minha parceira. É verdade que me coloca em uma posição submissa, mas isso não me importa minimamente. Submeter-se a uma mulher não tem conexão com tendências homossexuais – pelo menos no meu mundo de fantasia. [...]

Derrick: Não foi uma questão pra mim de modo algum. Sinto muito seguro na minha masculinidade e ‘heterossexualidade’ [*straightness*]. O que me dá prazer não me faz sentir nem mais nem menos homem. Não sinto atração por homens – nunca senti. Gosto de mulheres, mas nunca quis ser uma. Feliz comigo mesmo. [...]

O usuário Casey opta por lidar de maneira humorística com a ideia de a penetração anal necessariamente ser um ato homossexual, chamando a atenção para o fato de ter relações sexuais com uma mulher e usando o *emoticon* “O_o”, que significa “chocado”. Assim, enquanto subverte a associação ideológica entre o prazer anal masculino e a homossexualidade, também reforça a ideia de a sexualidade ser definida pelo gênero dx(s) parceirx(s). Ted também insiste no fato de só ter vontade de ter relações sexuais com mulheres, acrescentando a afirmação que não conseguiria ter uma ereção se fizesse sexo com um homem (apesar do homem penetrado não precisar ter uma ereção para ser penetrado durante sexo anal). Embora a ereção normalmente seja ideologicamente associada com a masculinidade – quem não consegue “ficar duro” é visto como menos homem –, neste caso não ter uma ereção sublinha a falta de interesse sexual nos homens. O usuário Derrick também comenta o fato de não sentir atração por homens. É interessante notar que ao afirmar sentir-se seguro de sua identidade de sexualidade, coloca a palavra “heterossexualidade” entre aspas, talvez indicando que tal rótulo não dê conta perfeitamente de descrever a sexualidade dxs praticantes de *pegging*. Ao comentar também que ele gosta de mulheres, mas não tem vontade de ser uma, não fica claro se está sugerindo uma conexão entre ser homem homossexual e ser mulher, ou se está sugerindo uma conexão, de modo mais geral, entre ser penetrado ou submisso e ser mulher. De qualquer maneira, essas duas possibilidades estão vinculadas a discursos heteronormativos que insistem que o papel da mulher nas relações sexuais é ser penetrada e submissa, o que, como vimos nas citações de Sáez e Carrascosa acima, também está relacionado à ideia do homem penetrado “perder” a masculinidade (embora a primeira possibilidade desvalorize os homens homossexuais de modo mais direto do que a segunda⁷).

Assim, podemos ver que as tentativas de subverter certas ideias heteronormativas frequentemente resultam no reforço de outras: Hans, Will, TrooperTom e Malcolm conseguiram desestabilizar ideias do senso comum sobre a masculinidade, mas continuaram propondo a masculinidade como valor apesar de resignificá-la. Matt, R e Simon conseguiram mostrar que um homem se identificar com aspectos da feminilidade não é algo a ser evitado, mas reforçaram a associação ideológica entre a penetração e a feminilidade, assim como certos estereótipos sobre esta última. Jared, Man e Phillip construíram o sexo vigoroso ou convencional, pós *pegging*, como uma

⁷É importante notar que embora muitos usuários tenham reafirmado sua heterossexualidade, insistindo que não são homossexuais, o que certamente está relacionado à homofobia prevalente na nossa sociedade, não encontramos nenhum comentário descaradamente homofóbico ou bifóbico no sentido de ser insultante ou agressivo.

maneira de reafirmar ou comprovar a masculinidade, assim ainda construindo a masculinidade como algo conectada ao papel de penetrador. Casey, Ted e Derrick conseguiram combater a ideia de que devem ser homossexuais por gostarem da penetração anal, ao insistir na participação de uma mulher no ato (assim como fez a moderadora); porém, fizeram isso às custas de reforçar definições da sexualidade com base no gênero dx(s) parceirx(s). Mesmo assim, o *pegging* continua a ser um tema de pesquisa interessante para nossa Linguística Cu(-ir), pois é só criando inteligibilidades sobre subversões e reiterações da norma que podemos tentar mudá-la. Seguindo Sáez e Carrascosa (2011, p. 174), “analisar nossas políticas anais e reivindicar o orgulho passivo é imprescindível para subverter o dispositivo de sexualidade em que vivemos”; tal análise também é de suma importância para uma Linguística Cu(-ir) que procure transformar a matriz heteronormativa.

CU-NSIDERAÇÕES FINAIS: PENETRAÇÃO, SUBVERSÃO, REITERAÇÃO

Embora xs falantes nos trechos analisados ao longo do presente artigo tivessem diferentes identidades de gênero e performances de sexualidade, um tema perpassava todos os excertos: como a penetração com o dildo suscitava preconceitos. No caso de Nádia, uma ativista que se identifica como bissexual e está num relacionamento com outra ativista que se identifica como lésbica, o desejo de ser penetrada com um dildo levou a namorada a imaginar que, no fundo, talvez Nádia desejasse ter relações sexuais com um homem, devido à associação ideológica entre o dildo e o pênis do homem. No caso dos praticantes de *pegging*, o desejo de ser penetrado no ânus levou outras pessoas a vê-los como homossexuais ou menos masculinos, devido às associações ideológicas entre o prazer anal masculino e a homossexualidade, e entre a penetração e a feminilidade.

Todxs xs falantes usaram diferentes estratégias discursivas para lidar com e combater essas associações ideológicas heteronormativas, conseguindo subvertê-las, embora, às vezes, essas subversões fossem acompanhadas por reforços de outras ideias heteronormativas. No caso de Nádia, ela conseguiu mostrar que a vontade de ser penetrada por um dildo pode ser um desejo específico para uma prática sexual específica entre mulheres. Porém, embora com isso tenha desestabilizado a conexão homem-dildo, como faz Preciado ([2000] 2014) ao argumentar que o dildo é uma tecnologia de produção de prazer e não um “substituto” para a falta do pênis, Nádia também, às vezes, reforça essa conexão, comparando o dildo com uma “prótese artificial” e “só uma parte do homem”. No caso dos praticantes de *pegging*, alguns conseguiram subverter a ideia do senso comum heteronormativo que eles devem ser mais femininos por gostarem de ser penetrados, insistindo que se sentiam mais masculinos por terem uma experiência sexual mais intensa ou orgasmo mais forte com a penetração. Porém, ao insistir no papel central de suas esposas ou a falta de atração por homens, ao mesmo tempo

que conseguiram subverter a associação ideológica entre o prazer anal masculino e a homossexualidade, também reforçaram definições normativas da sexualidade com base no gênero dx(s) parceirx(s). Como vimos anteriormente, todas as categorias de sexualidade que usamos hoje em dia (heterossexual, homossexual, bissexual etc.) são inadequadas porque “a sexualidade se estende em tantas dimensões que não podem, de modo algum, ser bem descritas em termos do gênero do objeto escolhido” (SEDGWICK, 1990, p. 35). Embora a penetração com dildos ofereça uma oportunidade para pensar a sexualidade em termos de preferências para atos sexuais em vez de em termos do gênero dx(s) parceirx(s), nenhuma pessoa, seja Nádia, sejam os praticantes de *pegging*, chegou a propor categorias de sexualidade alternativas. Ninguém se afirmou aficionadx de dildos, por exemplo, em vez de heterossexual ou bissexual⁸. Embora possa parecer “decepcionante” ter encontrado desestabilizações de certas ideias heteronormativas que vinham acompanhadas por reforços de outras, em vez de encontrar somente subversões, entender e visibilizar tais processos simultâneos é uma parte fundamental de criar inteligibilidades sobre a heteronormatividade, visando a fortalecer como a transgredimos.

Se, por um lado, nosso foco nos processos discursivos de subversão e reforço da heteronormatividade coloca a presente pesquisa diretamente dentro dos objetivos da segunda fase da Linguística *Queer* apontada por Borba (2015), outros aspectos do artigo nos levam em direção a uma possível Linguística Cu(-ir). Esta Linguística Cu(-ir), como afirmamos anteriormente, seria algo mais inspirada nas teorias e vivências do “cu do mundo”, como sugere Pelúcio (2014) ao propor uma Teoria Cu, e preencheria algumas lacunas nos Estudos *Queer*. Primeiro, ao deslocar o foco das performances identitárias de homens homossexuais cissexuais para aquelas de mulheres bissexuais e homens heterossexuais que gostam de penetração anal, conseguimos combater a “norma homossexual oculta” nos Estudos *Queer*. Adicionalmente, de acordo com Halberstam ([1997] 2008), os Estudos *Queer* não falam o suficiente de desejos e práticas sexuais específicas e, segundo Preciado, não olham para “máquinas sexuais” e “objetos impróprios” usados para a produção do prazer. Aqui, preenchemos estas duas lacunas ao analisarmos especificamente o desejo de penetração com dildos e como o dildo pode ampliar o potencial do corpo e do prazer (GREGORI, 2016). Isso também nos

⁸ Isso, porém, talvez tenha a ver com o fato que o uso do dildo não era a única prática sexual que gostavam. Nádia, por exemplo, disse que não iria “aposentar as mãos” (linha 664) só porque tinha vontade de ser penetrada com um dildo. Vários adeptos de *pegging* mencionaram ainda gostar de penetrar, não somente de serem penetrados. Isso pode mostrar novamente, em particular no caso dos praticantes de *pegging*, a força dos dois dispositivos – a matriz heteronormativa e o dispositivo dos usos do cu – nas performances discursivas. A matriz heteronormativa “permite certas identificações sexuadas e forclui ou nega outras identificações” (BUTLER, [1993] 2019, p. 17-18). Talvez nenhum praticante de *pegging* tenha proposto uma categoria de sexualidade diferente por se preocupar com não ser visto como ser abjeto, assim insistindo muito na categoria heterossexual. Já, no caso de Nádia, a dinâmica muda – dentro de seu relacionamento com uma mulher, e enquanto ativista LGBT, era importante *não* ser vista como heterossexual e insistir na categoria de bissexual.

ajuda a pensar a sexualidade para além de categorias baseadas no gênero dx(s) parceirx(s)⁹, algo que a Teoria *Queer* nos proporciona as ferramentas teóricas para fazer, mas frequentemente não realiza nas análises. Enfim, o presente artigo é uma tentativa embrionária¹⁰ de fazer uma Linguística Cu(-ir), não somente porque alguns dos trechos analisados falavam, literalmente, de dar o cu, mas por causa de ter preenchido, pelo menos parcialmente, as lacunas mencionadas acima. Esperamos, desta maneira, ao criar inteligibilidades sobre como subversões da heteronormatividade podem ser acompanhadas por reforços, contribuir para melhor desestabilizar discursos heteronormativos e fazer com que uma maior gama de desejos e práticas sexuais se torne livre de preconceitos.

REFERÊNCIAS

- BORBA, R. Linguística *queer*: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. *Revista Entrelinhas*. São Leopoldo (RS), v. 9, n. 1, p. 91-107, 2015.
- BUTLER, J. *Corpos que importam*: Os limites discursivos do 'sexo'. Tradução V. Daminelli; D. Y. Françoli. São Paulo: n-1 edições/ Crocodilo Edições, [1993] 2019.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero*: Feminismo e subversão da identidade. 4. ed. Tradução R. Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1990] 2012.
- ERICKSON-SCHROTH, L.; MITCHELL, J. Queering Queer Theory, or Why Bisexuality Matters. *Journal of Bisexuality*. Londres, v. 9, n. 3-4, p. 297-315, 2009.
- FRY, P. *Para Inglês Ver*: Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GREGORI, M. F. *Prazeres perigosos*: erotismo, gênero e limites da sexualidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GUSTAVSON, M. Bisexuals in Relationships: Uncoupling Intimacy from Gender Ontology. *Journal of Bisexuality*. Londres, v. 9, n. 3-4, p. 407-429, 2009.
- HALBERSTAM, J. *Masculinidad Femenina*. Tradução J. Sáez. Madri: Egales, [1997] 2008.
- HINE, C. *Virtual Ethnography*. Londres: Sage, 2000.
- HINE, C. (Org.) *Virtual Methods*: Issues in Social Research on the Internet. Oxford: Berg, 2005.
- LEWIS, E. S. "Acho que isso foi bastante macho pra ela": Reforço e subversão de ideologias heteronormativas em performances narrativas digitais de praticantes de pegging. 333f. Tese (Programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2016a.
- LEWIS, E. S. Do "léxico gay" à Linguística *Queer*: desestabilizando a norma homossexual oculta nas Teorias *Queer*. *Revista Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 47, n. 3, p. 675-690, 2018.
- LEWIS, E. S. "Não é uma fase": Construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. 267f. Dissertação (Programa de pós-graduação em Letras) –

⁹ Embora nenhuma pessoa nas pesquisas aqui citadas tenha se desprendido de categorias como heterossexual e bissexual, o potencial para ir além de tais definições existe a partir de suas outras reflexões.

¹⁰ Qualificamos nossa tentativa de "embrionária" em parte por ser simplesmente uma primeira tentativa, e em parte porque ainda poderia ser fortalecida em certos aspectos: logramos nosso objetivo de criar diálogos entre teorias do chamado Norte e Sul Global, embora acreditemos poder fortalecer mais ainda a discussão das nossas produções locais.

Faculdade de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2012.

LEWIS, E. S. O ciclo paradoxal de apagamento e super-sexualização da bissexualidade nos movimentos LGBT: resistências em narrativas de ativistas bissexuais. *Anais do V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades*. Salvador, Bahia, p. 1-12, 2017.

LEWIS, E. S. Pegging, masculinities and heterosexualities: How narratives of men who enjoy being penetrated by women can contribute to queering the hidden homosexual norm in Queer Studies. In: VITERI, M. A.; PICQ, M. L. (org.) *Queering Paradigms V: Queering Narratives of Modernity*. Oxford: Peter Lang, 2016b. p. 239-263.

LEWIS, E. S.; BORBA, R.; FABRÍCIO, B. F.; PINTO, D. S. Introdução: Cu-irizando desde o Sul. In: LEWIS, E. S., et al (Orgs.) *Queering Paradigms IVa: Insurgências queer ao Sul do equador*. Oxford: Peter Lang, 2017. p. 1-12.

PELÚCIO, L. Possible Appropriations and Necessary Provocations for a *Teoria Cu*. In: LEWIS, E. S.; BORBA, R.; FABRÍCIO, B. F.; PINTO, D. S. (Orgs.) *Queering Paradigms IV: South-North Dialogues on Queer Epistemologies, Embodiments and Activisms*. Oxford: Peter Lang, 2014. p. 31-51.

PRECIADO, P. B. *Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual*. Trad. M. P. G. Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, [2000] 2014.

PRECIADO, P. B. Terror anal: apuntes sobre los primeros días de la revolución sexual. In: HOCQUENGHEM, G. *El deseo homosexual*. Trad. G. H. Marte. Espanha: Melusina, [2000] 2009. p. 134-174.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. Sistemática Elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. Trad. de A. M. S. da Cunha, C. F. Duque, J. R. Medeiros, L. M. Silva, M. P. Borges e M. B. P. Schittini. *Veredas*, vol. 7, n. 1-2, p. 9-73, [1974] 2003.

SÁEZ, J.; CARRASCOSA, S. *Por el culo: políticas anales*. Barcelona: Egales, 2011.

SEDGWICK, Eve. *Epistemology of the Closet*. Berkeley: University of California Press, 1990.

ANEXO: CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

(1 . 0)	pausa medida (de um segundo ou mais)	: ou ::	alongamentos
(. .)	pausa não medida (menos de um segundo)	<u>sublinhado</u>	ênfase
.	entonação descendente ou final de elocução	MAIÚSCULA	fala em voz alta ou muita ênfase
?	entonação ascendente	°palavra°	fala em voz baixa
,	entonação de continuidade	>palavra<	fala mais rápida ou acelerada
-	parada súbita	<palavra>	fala mais lenta
=	elocuições contíguas enunciadas sem pausa	[]	sobreposição de falas
↑	subida de entonação	()	fala não compreendida
↓	descida de entonação	(palavra)	fala duvidosa
hh	aspiração ou riso	((palavra))	comentário da analista
.hh	inspiração	“palavra”	fala relatada